

## **Carmens e Lolas: Representações da mulher espanhola na Literatura de Viagens portuguesa da segunda metade do séc. XIX**

**Sara Cerqueira Pascoal**

CEI - Centro de Estudos Interculturais

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

spascoal@iscap.ipp.pt

**Resumo:** As narrativas de viagem portuguesas a Espanha da segunda metade do século XIX prestam uma atenção muito especial à figura feminina. Os vários autores que se deslocaram ao país vizinho, à semelhança do que acontece com viajantes de horizontes geográficos variados, não deixam de descrever a mulher espanhola, que apresentam, não raras vezes, como bela, sensual e provocadora. Por prosopopeia e etopeia imagem da espanhola vai-se consagrando e incrustando no imaginário de uns relatos para os outros. Porém, essa imagem vai sofrendo ligeiras variações com o tempo, porque a mentalidade dos viajantes vai mudando e, em concreto, com o advento do final do século XIX, alguns viajantes começam a descobrir o quanto de ficcionado havia nessa imagem romântica da Espanha. E, muito embora ela continue a perdurar, encontramos já sinais claros de que mudanças nas mentalidades se operaram e que os viajantes questionam os estereótipos e os clichés.

**Palavras-chave:** narrativas de viagem, mulher espanhola, imagologia

**Abstract:** The Portuguese travel narratives to Spain published in the second half of the nineteenth century pay a special attention to the female figure. The several authors who have traveled to the neighboring country, as like all other writers, insist on describing the Spanish woman, who is frequently pictured as beautiful, sensual, and provocative. By prosopopoeia and ethopoeia, the image of the Spanish woman is embedded in the collective imaginary, passing from one travel narrative to another. However, this image

will suffer slight variations over time, because the mentality of travelers is changing and, specifically, with the advent of the late nineteenth century, some travelers begin to discover how much this romantic image of Spain was fictionalized. And although it still remains, we can already find clear signs that changes in mentalities have taken place and that travelers question stereotypes and clichés.

**Keywords:** travel narratives, Spanish woman, imagology

## 1. Introdução

A abordagem da narrativa de viagens ao país vizinho da segunda metade de Oitocentos é, quanto a nós, paradigmática da questão das viagens, enquanto prática cultural, mas igualmente enquanto espaço propiciador de um contacto com o *Outro*, que se cristaliza na criação de auto e hétero-imagens e na consolidação da identidade nacional, pela atitude comparativa que se estabelece em contacto com o *Estrangeiro*<sup>1</sup>. A Literatura de viagens é crucial para este efeito, uma vez que, tal como sublinharam Elsner e Rubiès, “ (...) the literature of travel not only exemplifies the multiple facets of modern identity, but it is also one of the principal cultural mechanisms, even a key cause, for the development of a modern identity, since the Renaissance” (ELSNER e RUBIÈS, 1999:4).

Já outros autores afirmaram que, em Portugal, é sobretudo em relação à França e à Inglaterra que se forja o duplo semantismo do elemento estrangeiro (BOURDON, 1988:124), imagens de alteridade em relação às quais se tomam atitudes básicas de rejeição ou de deslumbramento<sup>2</sup>. Mas se isso é verdade sobretudo em Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, o papel desempenhado pela Espanha, neste processo, não dever ser menosprezado, sobretudo se tivermos em conta o contexto histórico-político das relações quer com a França e a Inglaterra (o *Ultimatum*, de 1890), quer com a Espanha e a Questão Ibérica.

O Romantismo traz consigo a voga da viagem a Espanha. Se a imagem da Espanha (e de toda a Península Ibérica) que prevalece ao longo do século XVIII é bastante negativa, retrógrada e lúgubre, abrasada nas fogueiras dos *autos de fé* e no fanatismo da

---

<sup>1</sup> Ver OUTEIRINHO, 2000.

<sup>2</sup> Eça de Queirós compara a influência que estas duas nações têm em Portugal da seguinte maneira: “/.../ Da Inglaterra podemos dizer que – ao contrário da generosa França – as suas virtudes só a ela aproveitam e os seus vícios contaminam o mundo.” (QUEIRÓS, s.d.:58).

Santa Inquisição, com paisagens desoladas, estradas perigosas, hospedarias da má fama, alimentando a chamada “Lenda Negra”, por oposição a uma França e ao Norte da Europa onde floresciam os ideais iluministas<sup>3</sup>, esta imagem vai evoluindo com o decorrer do século XIX<sup>4</sup>. As invasões napoleónicas e a Guerra Peninsular (1808-1814) conduziram milhares de soldados a Espanha, contacto que permitiu rever alguns dos preconceitos e pôr em causa estereótipos. A resistência heroica dos povos peninsulares, e neste caso específico do povo espanhol, suscitou a admiração e o interesse do resto da Europa. Como afirma Elena Fernandez Herr, a par da Lenda Negra, perduraria uma Lenda Branca ou Dourada, bastante lisonjeadora<sup>5</sup>:

“ L’Espagne a joui et souffert de deux légendes, celle que les Espagnols appellent “noire”, et qui a fait couler beaucoup d’encre, et une autre que nous appellerons “blanche”, ou même “dorée”, qui les a beaucoup flatés. Les deux sont, en partie tout au moins, le produit des émotions que soulevèrent les rôles opposés de dominée et de dominatrice. La satisfaction que le monde gréco-latin (et plus tard les Arabes) éprouva a exploiter et à posséder l’Espagne engendra la seconde, tandis que le dépit, la jalousie, l’humiliation, engendrèrent la première, à partir, dans les deux cas, de faits réels plus ou moins défigurés. ” (FERNÁNDEZ HERR, 1973: 21).

A preferência romântica pelo medievalismo, pelas ruínas, pelo exotismo e orientalismo maurófilo, fará da Espanha um destino da moda. Por conseguinte, e como afirma Vincent Clément “pour un romantique, le voyage en Espagne est un aboutissement” (CLÉMENT, 1998). Raymond Foulché-Belbosc arrola mesmo cerca de 858 narrativas de viagem de estrangeiros à Península Ibérica, das quais 599 são a Espanha, 380 dedicadas à Andaluzia. Os viajantes franceses escreveram um terço destas

---

<sup>3</sup> Veja-se, por exemplo, a comparação que Ramalho Ortigão faz entre a França e a Península Ibérica numa das suas Farpas: “O séc. XVIII, em Portugal tão lugubrememente tenebroso de embiocamento beato, de crasso mau gosto, de nojenta hipocrisia, foi em França dos de mais brilho para a história do talento e das artes. Da própria regência, com toda a devassidão, diz Michelet, que através de todos os vícios e de todos os erros, ela tinha esta particularidade benéfica e simpática: - era do partido do futuro. O inimigo era o passado, era a Espanha representante da Idade Média, a Espanha, abrasada em fogueiras, a Espanha que, vitoriosa, retardaria 100 anos a marcha da humanidade, porque teria queimado Montesquieu e Voltaire.” (QUEIRÓS, ORTIGÃO, 2004: 216)

<sup>4</sup> O artigo “Spaniards” de José Manuel López de Abiada explora as noções hispanofobia e hispanofilia (LOPEZ DE ABIADA, 2007).

<sup>5</sup> “(...) Passam-me no espírito mil ideias que se combatem, umas a fallarem-me de feudalismo, de inquisição, de fanatismo, outras de castanholas, de pandeiros, de cachuchas, de serenatas, de costumes poéticos e pittorescos” (MACHADO, 1965:20).

narrativas, os britânicos, um quinto e os americanos, um sexto. Todas estas narrativas contribuíram de forma decisiva para moldar a imagem moderna da Espanha e, de forma particular, para cristalizar uma imagem da mulher espanhola, que contamina todas as narrativas e é mais um dos elementos catalisadores da vivência do pitoresco.

## **2. Representações da mulher espanhola na narrativa de viagens portuguesa a Espanha da segunda metade de Oitocentos**

Apesar das idiosincrasias dos diversos autores, parece distinguir-se em todos estes diversos olhares um conjunto de semelhanças, sendo, iniludivelmente, uma das mais importantes, a imagem da mulher espanhola neles espelhada, um dos denominadores comuns mais versados<sup>6</sup>. O interesse que os viajantes portugueses revelam em relação à mulher espanhola, consubstanciada pelas diversas páginas e comentários que lhes dedicam, manifesta um duplo carácter. Assistimos inicialmente a uma percepção estática da mulher, que se concentra sobretudo no seu aspeto físico, para, num segundo momento, constatarmos uma evolução nesta visão.

Compulsando os diferentes relatos, a primeira conclusão a que podemos chegar é a construção de uma imagem da mulher espanhola que se revela estática, pela sobreposição de estereótipos, que têm os seus antecedentes nas memórias e saberes livrescos, na rememoração de leituras divulgadas sobretudo em horizontes geográficos franceses<sup>7</sup>. Por prosopopeia e etopeia, a imagem da espanhola vai-se consagrando e incrustando no imaginário de uns relatos para os outros. Porém, essa imagem vai sofrendo ligeiras variações com o tempo, porque a mentalidade dos viajantes vai mudando e, em concreto, com o advento do final do século XIX, alguns viajantes começam a descobrir o quanto de ficcionado havia nessa imagem romântica da Espanha. E, muito embora ela continue a perdurar, encontramos já sinais claros de que mudanças nas mentalidades se operaram e que os viajantes questionam os estereótipos e os clichés.

---

<sup>6</sup> “(...) apesar da diversidade que decorre do modo singular do trabalho autoral com a da linguagem que decorre ainda da particular “Geografia do olhar e da curiosidade” do viajante, os diversos relatos encontrados apresentam entre eles um “certo ar de família” que se firma em estratégias várias” (OUTEIRINHO, 2003: 2)

<sup>7</sup> A autora espanhola Inmaculada Tamarit Vallés aborda, na sua tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Valência, as representações da mulher espanhola no imaginário francês do século XVIII, mormente na Literatura de Viagens. Essa imagem cristalizar-se-ia, segundo a autora, alguns anos mais tarde, na imagem romanesca da mulher espanhola, que nos parece ter contaminado de forma evidente e irremediável o imaginário português do século XIX. TAMARIT VALLÉS, 2003.

Essa imagem, construída sinteticamente pela sobreposição de estereótipos, é antes de mais uma imagem física. *Grosso modo*, a beleza da mulher espanhola, morena, de olhos castanhos, voluptuosa e sensual, não poderia passar despercebida ao olhar do viajante português.

Das mais belas da Europa, nas palavras de Júlio de César Machado, que as observa num dos locais por excelência da sociabilidade oitocentista, o teatro:

“Não me recordo, nem mesmo nas frisas de *Convent-Garden*, de Londres, para onde costumam ir as amantes dos *lords*, que são a flor da beleza britânica, de haver encontrado tão grande número de formosuras. Umas esbeltas e soberbas, de longos e assedados cabellos, olhos negros de commando e sorriso de rainha; era um espectáculo quando baixavam as pálpebras e deixavam admirar em toda a sua extensão as prodigiosas pestanas escuras. (...) Outras pallidas, ideaes, physionomias poéticas parecendo sonhar absortas em extasis, banhadas em nuvens de gaze, brancas como os seus véus, parecendo chorarem amargamente um mundo melhor de onde hajam baixado, atravessando com seus grandes e ramalhudos olhos as abobadas do teatro para beberem o ceo (...) Outras, alegres, ruidosas, românticas, com o amor no olhar, a tentação nas tranças, um sorriso que parecia o sol, olhadas, namoradas, tornando mais bello o teatro e mais bella a opera ...” (MACHADO, 1865:33-34).

O famoso folhetinista portuense reclama, aliás, como motivo primeiro da sua viagem o ter-se deixado seduzir por um bolero dançado em Lisboa, por uma belíssima espanhola. Esta descrição é curiosa, pela atitude comparativa que estabelece, não entre a mulher portuguesa e a mulher espanhola, ou ainda entre a espanhola e a francesa, mas sim a mulher inglesa, que representaria para este autor o ideal de beleza estrangeira, opinião que partilha aliás com Eça, Cesário, Garrett, Oliveira Martins e até Ramalho Ortigão.

O autor d’*As Farpas*, também participa desta construção da imagem da mulher espanhola, usando como termos de comparação as mulheres francesas e inglesas. Não fica indiferente à beleza das madrilenas que se passeiam no Prado, ao fim da tarde “elegantes, de busto forte, finamente cambrée, cheville delicada, pe curto e rechonchudo”. A cara é oval, de uma maravilhosa carnação, transparente e aveludada. Os olhos negros ou castanhos, com longas pestanas curvadas, bem abertos. Dentes notáveis, belos,

“solidamente plantados em gengivas húmidas, cor de cereja”; brilham numa boca carnuda finamente recortada. É a soma de todas estas características que permite a Ramalho afirmar a beleza das mulheres espanholas, que corresponde, diz-nos ele, aos cânones estabelecidos por Quintiliano.

No entanto, as afirmações de Ramalho, não deixam de transparecer, a um leitor mais atento, a sua fina verve satírica, que se revela particularmente cáustica para quem conhece a personalidade chistosa do autor d’*As Farpas*. A beleza clássica da mulher espanhola só é destacada para, em tom cínico e donjuanesco, Ramalho desferir o mais rude golpe na descrição das madrilenas. Elas são belas, sem dúvida, mas todas as espanholas são belas. Como nota Ramalho, “As caras das espanholas são como a letra das inglesas, todas da mesma forma [...] E não é só na forma e na expressão das fisionomias que elas têm caracteres colectivos e comuns. É também na toilette, no modo, no timbre da voz, no diapasão do riso”<sup>8</sup>. A falta de originalidade é o que Ramalho mais lamenta nas mulheres do país vizinho. Se é verdade que elas se distinguem das outras europeias, não se distinguem entre si. Ramalho não resiste mesmo a contar um chiste. Encontrando-se ele com alguns amigos no *Café Anglais*, em Paris, ouviu uma risada num salão vizinho. Afirmou prontamente que se tratava de um riso espanhol; um outro amigo, defendeu que não era possível; fizeram uma aposta e Ramalho ganhou.

Ramalho Ortigão explica melhor o que o faz ser um adepto da “estética moderna”: não basta ser bela, como o são certamente as espanholas, é também necessário possuir um “pequeno detalhe estranho, vivo, inédito, por vezes incorreto, que dá um carácter original e um relevo individual à personalidade”<sup>9</sup>. Este é, para Ramalho, o fundamento da estética, cuja figura arquetípica seria a de George Sand. Curiosa opinião para quem tanto invetivou a presença das mulheres nas Letras!

Não será, por conseguinte, despicienda a contribuição de uma mulher nesta discussão sobre a mulher espanhola, particularmente a visão de uma portuguesa, e que Ramalho Ortigão criticaria veementemente – a escritora Guiomar Torrezão.<sup>10</sup>

A educação feminina durante todo o século XIX era precária. Segundo conta Ramalho Ortigão as mulheres minimamente instruídas eram incentivadas a escrever poesia – e, conseqüentemente, a poesia encarada com frequência como “coisa de mulher”

---

<sup>8</sup> ORTIGÃO, 1949: 110-112. Opinião semelhante foi desenvolvida por Anselmo de Andrade quando descreveu a fisionomia da sevilhana, (ANDRADE, 1985: 297-298).

<sup>9</sup> Ibidem, p. 110.

<sup>10</sup> ORTIGÃO, 1945.

– algo que era praticado por quem não tinha preparação suficiente para o fazer. Caracterizando indiretamente esse fenómeno como uma alteração ao papel tradicional das mulheres na sociedade portuguesa, Ramalho chega a afirmar que esta nova familiaridade do sexo feminino com a escrita poética redundou em “duas catástrofes: o estado da Literatura feminina e o estado da cozinha nacional.” E ainda impiedosamente sugere: “menos odes e mais caldo.”<sup>11</sup> Não seria por conseguinte de estranhar que a posição misógina de Ramalho seja contundentemente censurada por quem tanto trabalhou para se distinguir nas letras e delas viver, como foi o caso da fundadora do *Almanach das Senhoras*.

A respeito da mulher espanhola, Guiomar Torrezão também manifesta igual fascínio pela beleza inconfundível da madrilenha. Aliás, a descrição estética desta escritora em muito se assemelha à do autor d’ *As Farpas*. Diríamos até que, da colação das descrições de ambos os autores, parece que Guiomar Torrezão escreve tendo à sua frente um volume de *Pela Terra Alheia*. Também ela realça nas mulheres que vê passear “bustos dignos do pincel de Murillo”:

“Mulheres lindas, de grandes olhos veludosos, lábios vermelhos como morangos, dentes de um esmalte de perola, rostos com leves tons de âmbar e maciezas de camelia, figuras delicadas e flexíveis, cabeças finas e ardentes e no gesto, no olhar, na voz, na expressão o salero, o ninimitavel salero, triumpho e irresistível atractivo das filhas de Castella” (TORREZÃO, 1885: 22-23).

Porém, esta descrição plástica das mulheres de Castela apenas esconde, a nulidade do seu valor intelectual. Tal como o autor d’ *As Farpas*, Guiomar Torrezão revela-se particularmente cáustica na sua análise da espanhola, destacando, porém, aquilo que para ela era fundamental: a educação das mulheres. Revela Guiomar Torrezão:

“Disse já em rápido esboço desenhado a pressa qual o singularíssimo valor da mulher hespanhola sob o ponto de vista da plástica; sob o ponto de vista da esthetica esse valor é nullo. A cultura intelectual das hespanholas levanta muito acima do nível vulgar a cultura intelectual das portuguezas. A proporção é inteiramente a nosso favor. Há no espirito das hespanholas, á

---

<sup>11</sup> ORTIGÃO, 1946.

parte raríssimas excepções, uma superficialidade galante e galanteadora, que exclue toda a espécie de raciocínio. N'essas prestigiosa cabeças de um oval puro e harmónico, de uma expressão ardente e insinuante, de uma attitude hierática, de uma correcção escultural, as ideias não se fixam, esvoaçam e fogem como pequeninas borboletas se dentas do mel das flores. Ao vêl-as passar no Retiro e na Puerta del Sol, a essas formosas mulheres que synthetizam todas as voluptuosidades sonhadas pelo inebriante rythmo da sua musica, que realisam no esplendor da sua beleza todas as fantasias evocadas pela musa dos poetas, que no olhar veludo faiscante, na boca de cravo orvalhado, na figura ondeante e sugestiva, reúnem o garbo provocador das gaditanas, a graça picante das andaluzas, a finura requintada das madrilenas; ao vêl-as passar na purpura do crepúsculo, envolvidas em peles, reclinadas como divindades olympicas nas almofadas de setim das suas carruagens, crê-se por espontâneo impulso que na imaginação d'essas excepcionaes criaturas, modeladas em marfim e amorosamente beijadas pelo sol da Peninsula, deve pulular um mundo de ideias e de superiores aspirações. Illusão! Essas cabeças de Murillo e de Guido guardam apenas o endereço da modista e o numero do camarote!" (TORREZÃO; 1885: 40-41).

A verdade é que para uma escritora tão preocupada com a instrução das mulheres, este seria o principal dos defeitos<sup>12</sup>. A espanhola era bonita sim, das mais belas do Mundo, mas sem qualquer valor intelectual. A argumentação relembra, mais uma vez, a de Ramalho Ortigão.

Manuel Pinheiro Chagas, que se deslocaria a Madrid em Outubro de 1871, em visita à exposição de Belas-Artes, testemunhando amplamente a expansão do turismo cultural de finais de Oitocentos, também não escaparia a uma menção especial à mulher espanhola. O folhetinista português destaca o uso da mantilha, provavelmente o segredo da *coquetterie* das espanholas, que sabem transformar um objeto que deveria servir para garantir o recato, num elemento erótico, realçando o seu *salero* e a sua sensualidade:

---

<sup>12</sup> Defende Guiomar Torrezão em *Batalhas da Vida*: “E quando a instrução não prevalece sobre o temperamento, ella será ainda a nossa mysteriosa força, a nossa intima e suave alegria, o nosso orgulho, a nossa conselheira e inspiradora, que nos salvará de todos os desencantos, que nos defenderá contra todos os desalentos, que nos dará a paz inalterável, a bondade indulgente, o desdem salutar, que nos procurará, em resumo, a maior e mais perdurável felicidade que a mulher pode encontrar na terra – a independência!”(TORREZÃO, *Batalhas da Vida*, 1892, pp. 179-184).

“Mulheres mais ou menos gentis passavam a cada momento ao nosso lado, e nos seus cabellos loiros ou negros poisava sempre, leve, aérea, vaporosa a negra e fluctuante mantilha que só ellas sabem pôr de um modo gracioso que lhes moldura as feições, e as tranças com uma linha flexuosa e delicada.” (CHAGAS, 1872, p. 23).

A descrição do elemento humano em Pinheiro Chagas põe em relevo o pendor dramático e a encenação social dos espanhóis, sendo que os rasgos tópicos e típicos da espanhola apontam para a dramaticidade exacerbada, mas também para a alegria festiva

De facto, para além dos elementos físicos a que dão amplo destaque, os viajantes portugueses também não ficam indiferentes aos traços de carácter e aos seus dotes psicológicos. Se a tez escura, os cabelos negros e o olhar penetrante da espanhola enfeitiçam o viajante, a sua índole animada, e a sua vivacidade são peculiares e próprias do espanhol. Anselmo de Andrade é um dos autores que regista este traço de carácter: “ (...) não se deve esquecer as mulheres de Madrid, que animam aquelles logares todos com a sua extraordinária vivacidade. Pode-se dizer que é a sua commum característica essa grande e constante animação”. E sublinha este autor que na mulher espanhola “as qualidades morais realçam-lhe ainda qualidades as physicas”, nomeadamente a sua simplicidade e humildade, algo que se aplica aos espanhóis em geral:

“A madrilenas, por muito aristocrata que seja, é familiar com toda a gente. (...) Não há soberba com ninguém. A regra geral em Hespanha é ter cada um em grande conta a sua fidalguia, mas não perder nunca o respeito pela dignidade dos outros ainda que sejam plebeus, burguezes, pobres ou mendigos.” (ANDRADE, 1885: 32).

Anselmo de Andrade, ao contrário da grande maioria dos viajantes, não se limita a uma descrição parcial das mulheres, oferecendo um quadro completo da sociedade feminina, onde não se distingue, segundo o autor, a “*aristocrata enfatuada*” da “*tímida plebea*”. As mulheres madrilenas, e a espanhola em geral, fascinam o escritor português pela singeleza e despreziosíssimo, porque “offerecem esse aspecto sympathico da igualdade e da bondade, que é o bello factor por que ellas multiplicam as suas qualidades de formosura de graça e de elegância.”(ANDRADE, 1885: 33).

Coelho de Carvalho, com uma verve muito acerba em relação ao elemento feminino, é provavelmente o mais crítico de todos os viajantes, denunciando as

conotações pejorativas que tinham as mulheres espanholas em Portugal<sup>13</sup> e que, na forma romanesca, se traduziriam nas personagens que Eça de Queirós imortalizará n’*Os Maias*<sup>14</sup>. A fama da mulher espanhola era, de facto, a de uma mulher fácil, entregue à luxúria e à sedução<sup>15</sup>. Coelho de Carvalho limita-se a veicular uma imagem estereotipada da mulher espanhola, nomeadamente a sua uniformidade – que Ramalho Ortigão também já destacara – mas acrescenta também a sua mundanidade:

“As mulheres vestem com menos gosto que os homens; trajam uma grande profusão de veludo e de rendas. Caminham solememente pelos passeios em grupo. Em geral teem o typo da mulher que vira hontem no Café, porque embora estas estejam vestidas com o luxo aparatoso que as classes medias na peninsula, tanto gostam de ostentar e as do café estivessem num meio duvidoso, o typo da mulher de Hespanha é o mesmo desde a manola e cigarreira até à duquesa, passando pela sobrinha do cura e pela filha do toureiro.” (CARVALHO, 1888: 31)

Essa uniformização fazia parte do mito do ideal de mulher espanhola, mormente a andaluza<sup>16</sup>, que se cristalizaria na imagem da Carmen de Mérimée ou de Bizet, mas que alguns viajantes lucidamente têm a capacidade de denunciar como equívoco, tal como acontece com Anselmo de Andrade:

“A sevilhana é realmente mais honesta com as suas desenvolturas, e com as suas grandes expansibilidades, do que costumam sê-lo outras mulheres, nas austeridades do recolhimento ou nas afetações da virtude.” (ANDRADE, 1885: 297-298).

---

<sup>13</sup> Sobre as espanholas, escreve Magalhães Lima: “Com uma mulher hespanhola vive-se bem um mez, num sensualismo delicioso, numa voluptuosidade tepida e numa ardencia de amores que nem sempre é vulgar nas outras mulheres do mundo”. (LIMA, 1877: 9)

<sup>14</sup> Lembramos, por exemplo, as espanholas que acompanham Eusebiozinho: “Uma das espanholas era um mulherão trigueiro, com sinais de bexigas na cara; a outra, muito franzina, de olhos meigos, tinha uma roseta de febre, que o pó-de-arroz não disfarçava. Ambas vestiam de cetim preto, e fumavam cigarro. E na luz e na frescura que entrava pela janela, pareciam mais gastas, mais moles, ainda pegajosas da lentura morna dos colchões, e cheirando a bafio de alcova.”(QUEIRÓS, *Os Maias*: 186)

<sup>15</sup> Ver PAIS, 1985 José Machado Pais no artigo de 1985, “De Espanha nem bom vento, nem bom casamento”, in *Análise Social*, vol. XXI (86), 1985-2.º, pp. 229-243

<sup>16</sup> Ricardo Guimarães, visconde de Benalcafor, sintetiza este mito nesta fórmula: “A andaluza legitima, *pur sang*, é a somma total de seis addicções : 1. Olhos rasgados em corte de amêndoa. 2. Dentes magníficos. 3. Braços graciosos. 4. a Mantilha fluctuante. 5. a Leque vertiginoso. 6. Pé imperceptível. Totalidade : mulher adorável. Imagine o leitor estas qualidades phisicas a palpitarem de graça petulante e de salero, — que nem é a morbidezza italiana, nem a coquetterie franceza, nem o chiste portuguez, — e terá adivinhado pela imaginação as gentis gaditanas, seducção e enlevo das noites de Cadix.” (GUIMARÃES, 1869: 18).

Coelho de Carvalho descreve esse mito, circunscrevendo-o, no entanto, às mulheres espanholas de vinte anos:

“São sempre até aos vinte anos as belezas salerosas, de formas esbeltas provocantes pelos requebros languídos dos olhos escuros e magníficos, geito herdado da galanteria das odaliscas do harém árabe, de que descendem, e cuja sensualidade brutal é temperada pelo gracioso movimento artístico do leque, essa aza ligeira e palpitante que a mulher hespanhola adaptou à sua natureza d’ave para voar pelo mundo, quando se lhe abriram as portas do serralho.” (CARVALHO, 1888: 31).

O diplomata português, que se mostra claramente hispanóphobo porque muito crítico da ideia de União Ibérica, demonstra igualmente face à mulher espanhola uma atitude muito crítica, que contrasta com a da maioria dos viajantes portugueses. Se, por um lado, lhe reconhece o título de mais bela do mundo, por outro, atribui ao tipo de alimentação, à base de “chocolate e pimentão”, a decadência física da mulher espanhola, que aos trinta anos se tornam “patas gordas e pezadas”:

“Mas em poucos anos as bellas formas destas mulheres alargam-se demasiadamente; o peito empapa-se-lhes; os encontros de mulher perfeita se perdem na obesidade. Mercê do chocolate e do pimentão, que constituem a base da alimentação em Hespanha, o fígado desenvolve-se dominando todas as outras funções vitais, e as graciosas e brancas pombas dos jardins de Andaluzia e de Castella, que voavam entre meigas e esquivas em arrulhos d’amor sob os plátanos do Prado e os laranjaes de Sevilha, eil-as, aos trinta anos, tornadas patas gordas e pezadas. Mesmo os olhos, os tradicionais olhos hespanhoes, orlaram-se de vermelho, resultado da affectação hepática. Naturalmente de geração em geração a raça tem ido degenerando, e, sob a influencia das qualidades artificialmente adquiridas pelo uso da alimentação irritante e fixadas pela hereditariedade, as mulheres hespanholas tem perdido muito dessa beleza porque foram, com justiça, reputadas as mais formosas do mundo.” (CARVALHO, 1888: 32).

É evidente que a grande maioria dos viajantes portugueses não comunga desta impressão tão pejorativa de Coelho de Carvalho e se rende, quer aos atributos físicos, quer psicológicos, da mulher espanhola. Predomina a descrição da mulher madrilena, porque era esse o destino preferencial dos portugueses. Para além disso, as descrições da

mulher concentram-se sobretudo nas classes mais altas da sociedade, uma vez que era com elas que os viajantes mais se confrontavam.<sup>17</sup> Mas não deixavam igualmente de contemplar as mulheres mais humildes, da burguesia e do povo, que lhes produziam fortes impressões. Guiomar Torrezão circunscreve a população feminina de Madrid a dois grandes grupos muito diversos, que apenas comungam do mesmo gosto tipicamente madrilenho pelo ócio que Larra consagrara nas suas crónicas:

“A sociedade de Madrid divide-se em dois grupos, absolutamente distintos e até certo ponto incompatíveis. A aristocracia que se diverte, sem outra preocupação senão a da toilette, sem outro ideal senão o de fazer étalage das suas opulentas equipagens, do seu luxo, do seu dinheiro, da sua ociosidade elegante e dissipadora; e a burguesia, o povo, a segunda camada, que se diverte igualmente, mas que o faz por entre as exigências do trabalho, as vacilações da sorte e os desgosto inerentes á falta do dinheiro que faz a vida do nobre.” (TORREZÃO, 1898: 39-41).

Luciano Cordeiro tinha já, alguns anos antes, revelado esta dicotomia no quotidiano da população feminina aristocrática e das criadas e burguesas que trabalham, destacando-se, nesta sua observação, o cabelo e a forma tão particular de o pentear:

“A população feminina de Madrid começa a ida para a rua desde que amanhece: Vae por camadas. Primeiro, logo de madrugada, as creadas; pelo dia adiante todas as patroas, e à noite como de dia ... as outras: Enxameiam ruidosamente nos mercados, nas praças e nos cafés. As fidalgas e as burguesas que querem passar por fidalgas usam chapéu geralmente. A maioria, e n’esta maioria entram as creadas, anda em cabelo. A plastica do cabelo, - se pode dizer-se assim – é das mais generalizadas e aprimoradas em Madrid. Os fatos podem estar velhos, desbotados, remendados, mas o penteado apresenta-se irreprehesivelmente elegante. A madridense pode ser feia, mal feita, estrosa, desajeitada, - não é sua a culpa – mas penteia-se bem – é a sua atre.” (CORDEIRO, 1974: 34).

---

<sup>17</sup> Veja-se a descrição do quotidiano de uma aristocrata feita por Guiomar Torrezão: “A grande dama madrilenha levanta-se às 2 horas da tarde, almoça, penteia-se, veste-se, faz visitas, diz o mal que pode das suas amigas íntimas, vae ao Buen Retiro das 5 ás 6 da tarde, janta às 8 da noite, entra no teatro às 10 e sai do teatro para o baile á meia noite. E isto sem cessar, todas as 24 horas, 365 dias, sem variantes e sem alteração.” (TORREZÃO, 1898:39).

Se as mulheres madrilenas e aristocratas são as mais representativas neste olhar dos viajantes portuguesas, não deixamos, no entanto de encontrar uma atenção especial à mulher do povo, quer se trate da mulher operária, quer da camponesa. Silveira da Mota, na sua visita à Galiza presta uma atenção privilegiada à figura feminina do povo, onde vê o retrato de abnegação e trabalho que caracteriza, por sinédoque, toda a província espanhola. Ao percorrer uma região rural e pouco desenvolvida, Silveira da Mota é particularmente sensível ao papel das mulheres a quem incumbe “o rude, o indefeso trabalho nos campos, nas estradas, nas cidades, nos mercados, nas habitações.” (MOTA, 1889: 14) A comparação com as restantes mulheres da Espanha é por isso incontornável. Silveira da Mota revisita o mito da espanhola ardente, de beleza incomparável, que outros autores que o antecederam cristalizaram. Mas essa imagem reserva-a para a as andaluzas, as catalãs ou as valencianas; a galega destaca-se das outras mulheres pelas magníficas características morais, a benevolência a magnanimidade, a resignação:

“Quanto a gentileza, não tem a graça feiticeira das andaluzas, nem o gesto altivo e dominador das catalãs, nem a fagueira simplicidade das aragonezas, nem a suavidade angelica da formusura valenciana; bastam-lhes para encanto as faces rosadas e alegres, os olhos limpidos e meigos, o riso franco e benevolo. E profusos, brilhantes cabelos, que descem garridamente sobre os hombros em longas espiraes. Bem sei que as feições, acabrunhadas pela aspereza das fadigas, perdem cedo o viço e o frescor; a vida moral, porém permanece inacessível a eguaes estragos, a alma persiste boa, affectuosa, sincera. Exemplo de santa abnegação, a pobre mulher gallega resigna-se sem queixume ás privações, á lida porfiosa, á grosseria brutal; humilha-se, como serva carinhosa, diante do pae, dos irmãos, do marido e dos filhos, de todos que de perto ou de longe lhe constituem a família; e, seja qual for a magua que a opprima, escuta, docemente compassiva, as supplicas dos desamparados, repartindo com eles o salario que grangea.” (MOTA, 1889: 15)

Este pensamento sobre as galegas não deixa, porém, de fazer transparecer as semelhanças reconhecidas e que os autores confessam entre as galegas e as portuguesas. Daí o realce que dão às singulares virtudes da mulher galega que lhes parece muito idêntica à mulher portuguesa.

Com o avançar do século vemos, de facto, que o tratamento e a atenção votados à mulher se diversificam e, longe de ser a aristocrata o alvo de focalização preferencial, passamos a encontrar sobretudo a figura feminina do povo. Esta alteração dever-se-á, sem dúvida, à nova estética naturalista e à influência do determinismo e de autores como Taine ou Zola<sup>18</sup>. As condições de vida dos novos representantes do povo, a mão-de-obra explorada nas recentes indústrias em expansão, despertam um interesse que até então se limitava às elites.

Os viajantes portugueses procuram a mulher espanhola não nas classes aristocráticas, mas sim nas ruas; demonstram clara preferência pela mulher que sai à rua todos os dias para trabalhar e que é representativa de toda a mulher espanhola e não apenas uma minoria, como nos explica Silveira da Mota:

“Falo da mulher do povo, não porque nas famílias abastadas se não descubra também, quanto o permite a diversidade da educação e dos hábitos, a adorável beleza do coração feminino, mas porque em toda a parte as classes pobres constituem a maioria da população e representam proeminentemente o carácter nacional. As outras, as privilegiadas, aquellas a quem nunca falta de todo em todo o supérfluo, teem, por assim dizer, lineamentos cosmopolitas.”  
(MOTA, 1889: 16-17).

Se Madrid era uma cidade de “*ociosos y habladores*”, com uma população aristocrata e seus criados, Barcelona é a verdadeira cidade industrial. Desta feita, os autores que descrevem a capital da Catalunha, observam igualmente a mulher operária, que em nada se assemelha ao mito da mulher espanhola, consagrado pela Literatura.

Para Coelho de Carvalho, que as observa ao sair do emprego, as “mulheres das fábricas” são “feias, rudes, angulosas”. Passeiam-se pelas Ramblas, observando as montras “onde se desdobram em passadas ondas scintillantes, ou em fofos recamados se aninham, as peças de seda que ellas, pobres deseherdadas, ajudaram a tecer para o goso de vaidosa voluptuosidade dos priveligiados da fortuna” (CARVALHO, 1888:163). Mas, paradoxalmente, e ao contrário da mulher aristocrata, não é o luxo que as seduz, mas sim os doces:

---

<sup>18</sup> Basta lembrar alguns dos romances mais influente de Émile Zola, como *Germinal* ou a saga dos *Rougon-Macquart* e sobretudo a *Thèrèse Raquin*.

“Observei, porém, que não era nessas tentações do luxo que se lhe iam os olhos à pobre mulher operária; antes de nenhum modo a expressão do desdém altivo e rude soberba, que é o traço fisionómico característico d’esta forte raça catalã, se lhes dissipava por um momento ao olharem as lojas de moda e confecções. Quando, em verdade, um sentimento do enlevo e do desejo se lhes traduzia no aspecto, era ao passarem por alguma das largas confeitarias que na Rambla se abrem iluminadas e coloridas. Fatal guloseima! Eu creio que os dois maiores perigos para a classe operária estão no álcool para os homens, e no doce para as mulheres.” (CARVALHO, 1888:163-164).

A. Eduardo Moura, na sua incursão pela Andaluzia, faz questão de se dirigir, em primeiro lugar, à celebérrima fábrica de tabacos, onde trabalham milhares de mulheres, onde busca o mito da beleza sevilhana, tão propalado pelos escritores românticos:

“(…) trabalham ahi três a quatro mil mulheres, e é lá que melhor se pode apreciar o typo sevilhano da rapariga do povo. É um museu do género, desde o moreno mais carregado até ao alvo de leite. Não falta a rapariga de rasgados olhos negros, nem a esbelta moça de cabelos louros. Em geral, formosas raparigas, com as quaes não sofrem comparações as cigareiras de Lisboa.” (MOURA, 1893 : 66).

O mito confirma-se. A. Eduardo Moura parece encontrar na fábrica de cigarros de Sevilha, que serviu de cenário ao famoso romance de Prosper Mérimée, o tipo físico e moral da espanhola boémia e sedutora, que tudo faz para ludibriar os viajantes, valendo-se dos seus atributos físicos. Por isso, observa Eduardo Moura: “As que são bonitas dedicam-se mais à exploração do viajante; as feias trabalham com mais cuidado.” (MOURA, 1893: 67).

Anselmo de Andrade também nos proporciona uma visita à mesma fábrica de tabacos, “a maior exposição de mulheres que há no mundo”, revisitando, do mesmo modo, o mito de Carmen e dedicando inclusive um capítulo à abordagem dos ciganos da Andaluzia. Ora, se este autor se mostrara tão encantado com as qualidades físicas, e sobretudo morais, da mulher madrilena, o mesmo não acontece com a mulher andaluza. Traça, na verdade, um perfil onde estabelece uma oposição entre as mulheres do norte e as do sul, cujas características morais e físicas teriam sido herdadas da população árabe:

“As mulheres de Sevilha parecem-se também quasi todas umas com as outras. Os olhos são geralmente rasgados. Os cílios negros, longos e espessos. O olhar tem uma expressão especial e desconhecida no norte, onde o sol não chega nunca a acender a chama meridional.(...) Sendo esbeltas sempre, airozas e animadas, são também fortes, resolutas e comunicativas. Em lugar da timidez, que ocupa muitas vezes o lugar da virtude nas nossas mulheres, teem as andaluzas extraordinários desafoxos, que entre nós pareceriam suspeitos.”(ANDRADE, 1885: 297).

Anselmo de Andrade não se fica, no entanto, por uma imagem superficial da andaluza e aprofunda este seu caráter que tanto a distingue das mulheres do Norte e que pode ser alvo de mal entendidos.

Na verdade, a percepção de Anselmo de Andrade parece-nos representativa da imagem da mulher espanhola que encontramos refletida nas narrativas de viagem da segunda metade do século XIX. De facto, essa imagem, partindo de um estereótipo que tem origem no imaginário francês do século XVIII, verter-se-á em narrativas visuais que perdurariam no tempo e se alargariam a vários países e culturas. Neste contexto, a espanhola não é nada mais do que um outro elemento do pitoresco, a par com as touradas, ou o estilo arquitetónico moçárabe.

### **3. Conclusões**

Abordando a narrativa visual produzida nos periódicos anglo-saxónicos do século XIX que representavam as mulheres, Maria Dolores Bastida de la Calle conclui:

“(...) la mujer española emerge, fundamentalmente, como parte integral de un catálogo de lo pintoresco que va más allá de la simple descripción de una variedad de monumentos históricos y costumbres locales. El consumismo retórico del viajero ilustrado incluyó a las españolas en una generalizada invocación al pictorialismo, concepto empleado desde el siglo XVIII para señalar lo que en páginas de revistas y libros ilustrados se asemejaba a un cuadro.” (BASTIDA DE LA CALLE, 1999: 360).

A mulher espanhola, que vemos descrita nas narrativas de viagem, tem sempre como origem uma imagem arquetípica de Carmen, a heroína a que Prosper Mérimée dará vida, numa novela publicada em 1845 e que ficará imortalizada pela ópera em quatro atos de Georges Bizet, que estreou na *Opéra Comique* de Paris, em 1875<sup>19</sup>. Morena, bela, sensual, provocadora, de paixões desmesuradas, a figura de Carmen parece perdurar no imaginário coletivo como a espanhola-tipo, imagem que se forma por sobreposição de traços comuns e que reúne, *grosso modo*, os traços físicos e morais mais distintos da mulher espanhola. Os antecedentes desta imagem devem ser procurados num protótipo oitocentista francês que, cremos, se nutre em grande parte dos relatos de viagem franceses do século anterior. No entanto, esta imagem arquetípica, ao confrontar-se com a realidade, ver-se-á modificada e dinâmica.

Compulsando os doze relatos de viagem que serviram de base ao nosso estudo, e tendo em mente muitos outros que também analisámos, concluímos que há entre eles particularidades comuns, onde, não obstante a particular geografia do olhar de cada autor, parece haver entre estas diferentes imagens semelhanças ineludíveis. A partir de uma análise exaustiva de todas as representações estáticas da mulher espanhola configuradas por estes diferentes olhares, podemos concluir que se tratam quase exclusivamente de olhares externos, atentos a detalhes fragmentários, sobretudo físicos. O olhar, o cabelo, as suas indumentárias peculiares, com destaque para o uso da mantilha, são os pormenores destacados pelos viajantes. De facto, os escritores portugueses não são imunes ao estereótipo visual que se foi construindo nos vários relatos de viagem. Mas, a proximidade geográfica dos dois países, a partilha de uma cultura de raízes comuns, o confronto com a realidade concreta, e o advento do Naturalismo farão com que essa imagem estática evolua com o decorrer do século.

Na verdade, se a imagem da mulher espanhola é inicialmente coincidente com essa imagem estereotipada, as narrativas de viagem publicadas mais tardiamente, já no final do século, revelam um interesse particular não pelo aspeto exterior, mas sim pelo carácter e pela moral da mulher. Da mesma forma, se, no início, era dada atenção preferencial à mulher aristocrata, com o fluir do século, as atenções voltar-se-ão para as

---

<sup>19</sup> Prosper Mérimée conhecia bem a Espanha, que visitou pela primeira vez em 1830; a sua personagem mais emblemática, *Carmen*, seria segundo as suas próprias palavras, o relato de uma história real que lhe haviam contado durante esta estada. Esta novela apareceu pela primeira vez na *Revue des Deux Mondes*, em 1845.

mulheres do povo, ou para as operárias, que se tornarão representativas de toda a sociedade.

A imagem da mulher espanhola, que encontramos nos relatos de viagem portugueses da segunda metade do século XIX é, pois, uma imagem dinâmica e em plena evolução, refletindo a mudança estética a que se vai assistindo com a transição do Romantismo para o Naturalismo.

## **Bibliografia**

### **1.1. Corpus**

ANDRADE, Anselmo de (1887), *Viagem na Hespanha*, Lisboa, Manuel Gomes, nova edição 1903, Lisboa, Manuel Gomes.

CALDEIRA, Carlos José (1855), “Barcelona. Fragmentos inéditos de uma viagem na Península”, in *Revista Peninsular*, Lisboa,

CARVALHO, Coelho de, (1988) *Viagens. Madrid, Barcelona, Nice, Mónaco. Cartas e notas destinadas a Cesário Verde*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira.

CHAGAS, Pinheiro Manuel (1872), *Madrid*, Lisboa, Editores C.S. Afra e Cia.

CORDEIRO, Luciano (1874) *Viagens: Hespanha e França*, Lisboa, Imprensa de J.G. de Sousa Neves.

\_\_\_\_\_ (1875) *Viagens: França, Baviera, Áustria e Itália*, Lisboa, Imprensa de J.G. de Sousa Neves.

MACHADO, Júlio César (1865), *Em Hespanha. Scenas de Viagem*, Lisboa, Livraria de A.M. Pereira.

MARTINS, Oliveira (1895), *Cartas Peninsulares*, Lisboa, Livraria de A.M. Pereira;

MOTA, J.F. Silveira da (1889), *Viagens na Galliza*, Lisboa, A. M. Pereira

MOURA, A. Eduardo de (1893), *Viagens na Andaluzia: indicações úteis*, Coimbra, Imprensa da Universidade

ORTIGÃO; José Duarte de Ramalho (1949), *Pela Terra Alheia*, 2 vols. Lisboa, Livraria Clássica Editora. (1<sup>a\*</sup> edição 1878).

TORREZÃO, Guiomar (1898) *A toda a velocidade. Notas de gare*, Porto, Livraria Portuense.

VASCONCELOS, António Teixeira de (1863), *Viagens na terra alheia. De Paris a Madrid*, Lisboa, F. Gonçalves Lopes.

## **1.2. Antologias**

BENNASSAR, Bartolomé et Lucile (1998) *Le voyage en Espagne. Anthologie des voyageurs français et francophones du XVIe au XIXe siècle*, Paris, ed. Robert Laffont, col. Bouquins.

FARINELLI, Arturo (1942) *Viajes por España y Portugal desde la Edad Media hasta el siglo XX. Nuevas y antiguas divagaciones bibliográficas*, tomo II, Roma, Reale Accademia d'Italia.

FOULCHÉ-DELBOSC, Raymond (1991) *Bibliographie des voyages en Espagne et en Portugal*, (1896), Madrid, Julio Ollero editor.

GARCÍA MERCADAL, José (1999) *Viajes de extranjeros por España y Portugal*, tomo III: siglo XVIII, Madrid, Aguilar, 1962, 4 vol.; reed. Salamanca, Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, 6 vol.

GARCÍA-ROMERAL PÉREZ, Carlos (2000) *Bio-bibliografía de viajeros por España y Portugal (siglo XVIII)*, Madrid, Ollero y Ramos.

\_\_\_\_\_ (2001). *Viajeros portugueses por España en el siglo XIX*, Madrid, Ediciones Miraguano.

## **1.3. Estudios**

ANDREU MIRALLES, Xavier (2009) “La mirada de Carmen: el mito oriental de España y la identidad nacional », in *Actas del II Encuentro de Jóvenes Investigadores en Historia Contemporánea de la Asociación de Historia Contemporánea*, Zaragoza, Institución Fernando el católico.

\_\_\_\_\_ (2006) “*Cosas de España!* Estereotipos, marginalidad y costumbres nacionales a mediados del siglo XIX”, comunicação incluída no Seminário de História da Universidade Complutense de Madrid e da Fundação José Ortega y Gasset.

\_\_\_\_\_ (2008) “Y No la de Merimée..El Mito Romántico de España y la Identidad Nacional española”, in *Actas del I Encuentro de Jóvenes Investigadores en Historia Contemporánea de la Asociación de Historia Contemporánea*, Zaragoza, Institución Fernando el católico.

ARCHILES CARDONA, Ferrán (2006), “Hacer región es hacer pátria. La region el el imaginário de la nacion española de la Restauración”, in *Ayer* 64, pp. 121-147.

AYMES, Jean-René (2003), *Voir, comparer, comprendre : regards sur l'Espagne des XVIIIème et XIXème siècles*, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle.

\_\_\_\_\_ (1999), “Regarder et dire l'Escorial (récits des voyageurs français en Espagne au XIXè siècle) ”, in CLÈMENT, Jean Pierre (1999) *Le voyage dans le monde ibérique et ibéro-américain*, XXIXème Congresso da Société des Hispanistes Français de l'Enseignement Supérieur, SaitnÉtienne Publications de l'Université de Saint Étienne.

BASTIDA DE LA CALLE, Maria Dolores (1999) “Una visión de la mujer española en la prensa anglosajona del XIX ” in *Espacio, tempo y forma*, Serie VII, Historia del Arte, Universidad Nacional de Educacion a Distancia, nº 12, pp. 343-362.

BELUFER PERUGA, Mónica (2003), “Civilización, Costumbres e Política en la Literatura de Viajes a España del siglo XVIII”, in *Estudis, Revista de Historia Moderna*, nº 29, pp. 255-300

BOLUFER PERUGA, Mónica (2003), “Civilización, costumbres y politica en la Literatura de Viajes a España en el siglo XVIII”, in *Estudiis*, nº 29, pp. 255-300.

BONIFÁCIO, Maria de Fátima (2002) *O Século XIX português*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

BRAGA, Teófilo (1875), “Litteratura de viagens. Hespanha e França por Luciano Cordeiro”, *Diário de Noticias*, 4 Abril;

BRANCO, Camilo Castelo (1886), *A Senhora Ratazzi*, Porto, Ernesto Chardron

CANTERA ORTIZ DE URBINA, Jesus (1993) “Escritores franceses del siglo XIX, viajeros por España. Color local y enriquecimiento léxico” in, *Revista de Filologia Francesa*, 4, Madrid, Editorial Complutense.

CLÈMENT, Vincent (1998), “La perception romantique de la Castille à travers le récit de voyage de Théophile Gautier », *L'Espace Géographique*, nº4, pp. 359-366.

CLÈMENT, Jean-Pierre, org. (1999), *Le voyage dans le monde ibérique et ibéro-américain*, Actas do XXIX Congresso Da Société des Hispaniste Français de l'Enseignement Supérieur, 19-20 Março 1999, Saint-Étienne, Presses Universitaires Saint-Étienne.

DIAZ LARIOS, Luis (2002) “La visión romántica de los viajeros románticos”, in *Romanticismo 8. Los románticos teorizan sobre sí mismos*, Bologna, Il Capitello del Sole, pp. 87-99.

DUMAS, Alexandre (1847), *Impressions de voyage. De Paris à Cadix*, Paris, Garnier Frères éditeur.

FERNANDEZ HERR, Elena (1973), *Les origines de l'Espagne romantique. Les récits de voyage 1755-1823*, Paris, Didier, p. 21.

FERRUS ANTON, Beatriz (2011) *Mujer y Literatura de viaje en el siglo XIX: entre España y las Américas*, Valencia, Publicacions de la Universitat de Valencia.

FOX, E. Inman (1995) "La invención de España: literatura y nacionalismo", in FLITTER, Derek W. (ed.)- *Actas del XII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, t. IV, pp. 1-16.

\_\_\_\_\_ (1997), *La invención de España. Nacionalismo liberal e identidad nacional*, Madrid, Cátedra.

FREIXA, Consol, (1999 a), "Imágenes y Percepción de la Naturaleza en el Viajero Ilustrado", in *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, N°42

\_\_\_\_\_ (1993) *Los ingleses y el arte de viajar. Una visión de las ciudades españolas en el siglo XVIII*. Barcelona, Ediciones del Serbal.

\_\_\_\_\_ (1999 b) *Paisajes de España (Entre lo pintoresco y lo sublime)*, Barcelona, Ediciones del Serbal.

LUCENA GIRALDO, Manuel (2006) "Los Estereotipos sobre la imagen de España", in *Norba, Revista de Historia*, n°19, pp 219-229.

ORTAS DURAND, E. (2005): «La España de los viajeros (1755-1846): imágenes reales, Literaturalizadas, soñadas... », in ROMERO TOBAR, Leonardo e ALMARCEGUI ELDUAYEN, P. (coords.): *Los libros de viaje: realidad vivida y género literario*. Universidad Internacional de Andalucía/ Alcal Ediciones, Baeza, pp. 48-91.

\_\_\_\_\_ (2006), *Leer el camino: Cervantes y el "Quijote" en los viajeros extranjeros por España (1701-1846)*, Madrid, Centro de Estudios Cervantinos.

\_\_\_\_\_ (1999) "El pintoresquismo de personas, tipos y indumentarias aragoneses según los viajeros de la primera mitad del siglo XIX" in *Localismo, costumbrismo y Literatura popular en Aragón, V Curso de Lengua y Literatura en Aragón*, ed. de José-Carlos Mainer y José Maria Enguita, Zaragoza, Institucion "Fernando el Católico", pp. 173-200.

PASCOAL, Sara Cerqueira (2008), "A paisagem espanhola n'As Viagens de Luciano Cordeiro. Na charneira entre Literatura e Geografia", in *Polissema 8, Revista de Letras do ISCAP*, S. Mamede Infesta, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, pp. 233-263.

\_\_\_\_\_ (2010), “A percepção do espaço ibérico n?as Viagens de Coleho de Carvalho (1888)”, in *Actas do VI Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*. Braga, Universidade do Minho, 2010, disponível em: [http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Pub\\_Sara\\_Pascoal.pdf](http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Pub_Sara_Pascoal.pdf)

ROMERO TOBAR, Leonardo e ALMARCEGUI ELDUAYEN, P. (coords.) (2005): *Los libros de viajes : realidad vivida y género literario*, Universidad Internacional de Andalucía, Ediciones Akal.

TAMARIT VALLÉS, Inmaculada,(2003), *Representaciones de la Mujer Española en el Imaginário Francés del Siglo XVIII*, Valencia, Servei de Publicacions de la Universitat de Valencia

VICENTE, Ana (2001) *As Mulheres Portuguesas Vistas por Viajantes Estrangeiros. Séculos XVIII – XIX – XX*, Lisboa, Gótica.